

Publica-se nas quartas-feiras e sábados. Subscrição-se nesta typographia.

POLITICOS E LITTERARIOS.

O preço da assignatura é de 23 rs. por trimestre, pagos adiantados.

Rio de Janeiro. Typ. imperial e constitucional de J. VILLENEUVE e COMP., rua d'Ouvidor N. 65.

INTERIOR.

A BIBLIOTHECA DO POBRE — A LIBERDADE DAS REPUBLICAS, PELO SR. MONTEZUMA.

(Veja-se o n.º 17.)

Si as sociedades humanas em suas evoluções estão submettidas a leis regulares e fixas, a philosophia da historia não deve accusar instituição alguma, por que todas são ao mesmo tempo a consequencia e a condição rigorosa do seu desenvolvimento; todas tem uma grande razão de existencia. O amigo da humanidade deve suffocar no fundo da alma todos os pesares na presença dos desastres, que acompanharam o desenvolvimento dos diversos elementos da civilisação, porque elles derivam-se d'esta lei geral, que as nações, como os individuos, não podem nascer, e desenvolver-se senão no meio de dolorosas circumstancias. Nenhuma forma de governo escapou á esta lei da criação; republicas, e monarchias pagaram-lhe o mesmo tributo. Poder-se-hia fazer um registo geral de todas as calamidades das monarchias, e elle daria um quadro não menos assombroso que a historia da liberdade das Republicas. Na propria Inglaterra, a Carta, que os Barões fizeram assignar á João-Sem-Terra, fica sem effeito, durante seculos; as facções das casas de York, e de Lancaster, calcam alternativamente a liberdade politica, individual e religiosa; os Tudores praticam o divan puro em Inglaterra: o *statute de sanguis* de Henrique VIII, a Camara Estrellada, a lei marcial, e a Mesa de alta commissão estabelecida por Isabel, poem esta frase sob a pena de *Blackstone* em seu commentario das leis Inglezas, e a proposito das iniquidades dos governos: « Assim como isto se pratica na Turquia, e na Inglaterra. »

Si todas as organizações sociaes do passado tem direito a ser justificadas, em que consiste a excellencia dessa monarchia representativa, que Mr. de *Chateaubriand* lança no numero das quatro grandes descobertas, destinadas a mudar a face do mundo?

A monarchia representativa não é a descoberta de algum povo, ou de algum philosopho; ella não tem data, e nem nome de auctor; é simplesmente um resumo feito

pela natureza das cousas de todos os elementos politicos, que desde o berço da civilisação moderna lutam com um esforço constante para o fim de serem representados na sociedade.

Na civilisação, que precedeo o Christianismo, ha uma simplicidade notavel das organizações politicas; as formas diversas de governo nunca co-existiram simultaneamente; nunca se reconheceo o direito de todos os elementos, que devem tornar completa a sociedade. Os philosophos da grande Grecia se tinham particularmente occupado d'esta questão; elles se dirigiram sobre tudo a alma dos reis. Faziam da realza absoluta uma especie de providencia terrestre, que devia supprir á imperfeição dos homens. Estas ideias eram tomadas sobre o modelo do poder paternal ennobrecido por uma beneficencia mais extensa, e por uma sorte de vocação divina. Concebe-se facilmente, que espiritos calmos, na presença dos males das republicas, vissem na força de uma authoridade tutelar a perfeição ideal da sociedade, e que a philosophia na antiguidade, reclamasse a ordem, e o repouso, como nos tempos modernos reclamou a independencia religiosa, e a liberdade politica.

Um dos caracteres da civilisação moderna, que começa com o triumpho do Christianismo, é a existencia simultanea dos elementos theocratico, democratico, monarchico, aristocratico. Não só esses principios existiram á um tempo desde a dissolução do mundo romano, como tambem cada um d'elles teve a pretensão de ser o unico verdadeiro, legitimo, e civilisante.

A historia politica de toda a meia idade, e a das epochas modernas, é a historia da lucta entre esses principios. Ora, todo facto que existio durante seculos, e que exerceo influencia sobre a sorte dos povos, é razoavel, ou pelo menos possui uma dose de verdade, e outra de erro. A justificação e legitimidade da monarchia, da aristocracia, e das outras formas de governo, cifram-se no facto mesmo da sua existencia. Qualquer systema, que tenda a desconhecer, ou a excluir algum d'estes elementos, mutila a civilisação, ataca a verdade de envolta com o erro, e põe-se em estado de guerra com

todo o passado. A sua admissão completa na organização politica é ao mesmo tempo um dever, e uma necessidade absoluta. Excluidos da ordem social, esses elementos obrariam em uma perpetua reacção, até que fossem n'ella admittidos, por que tem suas raizes em um passado de quize seculos, e na natureza moral das sociedades.

A missão politica da philosophia do seculo actual limita-se a admittir todos, esses principios, sem desprezar um só, depois de havel-os purificado da parte de erro, que elles contem em mislura com a verdade. A monarchia representativa é a formula a mais geral, o resumo, a derradeira expressão do trabalho civilizador do mundo moderno; ella proclama, que todas as formas de governo, que tem dividido os seculos, e as nações tem todas igualmente razão; é o *electismo* o mais racional applicado á marcha das sociedades.

A razão proclama hoje este principio, e a não podia fazer, ha menos de dous seculos; a grande e sublime divisão de trabalho continuava ainda; a existencia predominante de cada elemento era uma condição necessaria, para que fossem todos plenamente desenvolvidos e estudados, por que as nações em sua fraqueza tambem necessitam repartir entre si a tarefa da obra da civilisação. Hoje a perfeição d'esta obra é já immensa; a monarchia moderna é a resultante de todas as variedades de monarchias antigas; monarchia Imperial, ou Romana; monarchia Barbara, e Theocratica. A aristocracia tambem soffreo successivas transformações n'este longo trabalho de purificação; do principio aristocracia da força guerreira, mais tarde aristocracia do nascimento, hoje é a da riqueza, e amanhã será definitivamente a da intelligencia. A verdade e legitimidade dos outros dois elementos estão igualmente em grande parte estremes das falsas pretensões, que os obscurciam.

A monarchia representativa, que admite estes principios, se exceptuar um só, é a ultima palavra da razão politica, a unica forma do futuro, por que ella resume, justifica, e representa todo o passado.

Nós nos lisonjeamos do porvir desta bella instituição, bem que escrevamos em um paiz, em que ella inclina-se visivelmente

para sua queda com toda a sociedade. Mas não importa; um futuro virá, um futuro poderoso, regenerador, livre em toda a plenitude da monarchia constitucional, e do christianismo; mas elle está longe, longe de todo o horizonte visível. Antes de lá chegar, será forçoso atravessar a decomposição social, tempos de anarchia, de confusão, e de miserias.

Quanto á obra do Sr. Montezuma, ficará no silencio, apesar do seu merito: a grande e universal enfermidade da nossa sociedade desdenha, e não crê em cousa alguma. Si amanhã uma nova ordem despontasse com a manifestação de outros principios, o scepticismo seria o mesmo, a mesma a degradação dos caracteres, e o movimento de decomposição se não affrouxaria um só instante. O proprio Sr. Montezuma parece affectado do mal geral, desprezando como Ministro as doutrinas do publicista. Onde estão as excellentes ideias sobre as liberdades publicas, que abundam na sua obra? O defensor dos principios constitucionaes não hesitou em fazer parte de um Governo destinado a contrariar as necessidades constitucionaes do paiz em proveito da causa de arbitrariedade. Possa o Sr. Montezuma sentir o contraste da sua situação com os seus principios!

Amigos e inimigos das ideias grandes, e generosas, somos todos arrastados de envolta pela mesma torrente da corrupção. De que servem as resistencias n'este momento critico da sociedade?

Sr. Redactor.

Agradecendo muito os não merecidos louvores que me dizem respeito, no artigo do seu Jornal, sobre a sessão publica da Academia Imperial de Medicina, remetto-lhe algumas passagens do meu relatório lido n'essa sessão, cujo verdadeiro sentido me parece não foi bem colhido por V. S. na rapidez da leitura, segundo o devo julgar pelas reflexões que sobre ellas fez-se no dito artigo. Rogo-lhe o favor de lhes dar lugar nas paginas do seu jornal, para esclarecimento do publico, o qual, bem como V. S., poderá ver, que nem minhas expressões, nem minha tenção n'ellas se dirigem a censurar o Governo, que tem feito quanto cabe em suas attribuições para o bem da Academia, mas sim a fazer a exposição de alguns inconvenientes, que tocam aos interesses d'esta instituição, e que resultão mais das circumstancias da epocha, do que de outra causa particular. Com isto obrigará V. S.

muito a este seu amigo e venerador. — Luiz Vicente De-Simoni.

PASSAGENS DO RELATORIO DOS TRABALHOS E ESTADO DA ACADEMIA IMPERIAL DE MEDICINA, LIDO EM 30 DE JUNHO NA Sessão PUBLICA DA DITA ACADEMIA.

« 1.ª Pela Academia foi satisfeita a consulta de um Juiz de Paz, sobre uma substancia apprehendida na mão de um escravo, e que uma commissão da mesma Academia achou ser arsenical. A facilidade com que qualquer pessoa, mesmo os escravos, alcanção n'este paiz substancias venenosas, é tal de fazer arripiar a qualquer politico consciencioso, e amigo da humanidade. Entretanto, as providencias das leis a tal respeito são nullas, e a vida do cidadão fica entregue á mercê dos assassinos. O despotismo do Poder tem tido ultimamente mais insimigos, que o da maldade; e em quanto só elle occupa as attentões e os cuidados, os facinorosos vão folgando.»

« Igual tem corrido a sorte aos charlatães e especuladores, que mui sagazmente sabem se aproveitar da ignorancia do vulgo, do silencio e inefficacia das leis, e da inacção apathica das autoridades. Sobre elles chamou nossa attenção o Sr. Dr. Ferreira; em um requerimento, que fez á Secção Medica, e que por esta foi enviado á Academia; no qual elle exigia, se representasse ao Governo a necessidade de medidas energicas a respeito. A Academia julgou, que uma representação concebida em termos geraes não surtiria o effeito desejado, e que para obtel-o, necessario era indicar ao Governo quaes as medidas mais convenientes. Determinou pois se redigisse um plano de medidas; e foi encarregado d'esta redacção o mesmo autor da proposta. Estamos á espera do trabalho d'este illustre collega, que certamente desenvolverá a materia com o mesmo calor e philantropia com que a tem indigitado.»

2.ª (Fallando da correspondência da Academia, com as sociedades scientificas estrangeiras).

« Porém, n'estes tempos em que a sciencia, nivelada com o trafico, tambem como elle paga tributo nas Alfandegas, (*) e em que a compleação e desordein dos negocios publicos são cada dia mais augmentados por repetidas mudanças de administrações e de planos, e por consequente falta um systema seguido, torna-se mui difficil, e quasi impossivel entreter estas uteis correspondências, mesmo pelo intermedio dos Diplomatas do Brazil, e da Secretaria dos Negocios Estrangeiros. Qualquer emburlo

(*) Direitos que pagão os livros.

um pouco volumoso (**) vai parar á Alfandega, aonde, quando se póde adivinhar a epocha, em que alli entra, é preciso ir pessoalmente desenterrar-o do monte das encomendas, e dos fardos; e depois d'isso e de uma lida em que o despacho de um livro leva o mesmo tempo, e dinheiro como o de um ou cem fardos, ainda corre o risco de ser impugnado; pois, apesar da Pauta, o proprietario é obrigado a estabelecer-lhe o valor, e a dar-lhe mui subido, e pagar muito para fugir ao risco de perder a propriedade do objecto, embora a Constituição lho garanta. Tal é a marcha das cousas em outras partes, que uma correspondencia da sociedade Real Jenneriana de Londres foi recebida pela Academia, depois de uma estada de alguns annos, em uma das repartições publicas, da qual foi desenterrado pelo Exm. Sr. Limpo de Abreu. Não devemos pois estranhar, que muitas relações estejam interrompidas, e que outras mais o sejam para o futuro, em quanto o dedo da Providencia não melhorar este estado de cousas.»

« 3.ª O nosso Jornal continua a ser publicado, apesar das difficuldades que por toda a parte aqui encontram as obras periodicas, que se não occupão com a politica e a maledicencia.»

« 4.ª A miseria da nossa epocha, e de certas almas é tal, que um titulo de Membro Honorario foi rejeitado pelo eleito. O amor proprio não tem limites; e em alguns homens é tal, que até o obsequio dos que lhes parecem abaixo de seu merito, os indispõe e perturba, a ponto de elles se julgarem com maiores direitos que a Divindade, a qual, ainda que em tudo mui superior, sempre se digna, e apraz de honrar aos outros entes, e ser por elles honrado, sempre vale e consola ao infeliz, e nunca insulta ao infortunio. Felizmente o mundo se não compõe todo d'esses homens; e outros ha, cujos actos transpirão attenção e beneficencia, e aos quaes esta Academia deve ser grata. Um d'estes é certamente o que ella nomeou seu Membro Honorario pela grande honra e serviço que lhe fez, durante o seu Ministerio, o Exm. Sr. Joaquim Vieira da Silva e Souza, que, superior aos prejuizos e corrupção da epocha, referendou o Decreto de 8 de Maio de 1835, pelo qual a instituição de 30 de Junho de 1829, foi convertida nesta Academia Imperial, e um segundo passo foi dado para

(**) Remessa de livros, folhas, jornaes, e outros objectos mandados de presente pelas sociedades, ou em troca dos que a Academia lhes manda.

a nobilitação e progressos da Medicina n'espaz, depois do consentido pelo Augusto Fundador do Imperio. Quão doce ha a recordação de um benefício que passe da ideia e sentimentos sublimes, e que enche de gloria quem o recebe, e quem o outorga! Que pensamentos e emoções, não desperta elle em quem sabe apreciar todo o valor da acção, e de seus grandes resultados! Em vão ao vel-o, a inveja se irrita e estrebucha; em vão a calumnia afana-se para mordel-o: é um monumento de bronze; e os seculos não o robaram á historia, nem aos louvores dos sábios.»

TENDENCIAS IRRELIGIOSAS.

Pobre França! Pobre Inglaterra! Pobre gente, que obedecendo a vocação religiosa de um seculo organisador, vai beber á fonte santa do Christianismo as lições sublimes da verdadeira sciencia humana, com que melhoram sua existencia moral e politica! Pobres nações, que ignoram o que lhes augura um Redactor ministerial do Brasil, cuja fé em Religião é a do seculo, que expirou, cuja autoridade é a de *Voltaire*; e temendo desde já as fogueiras da Inquisição, que devem abraçar a França pela sua tendência Christã, e por conseguinte a Inglaterra e os Estados-Unidos, inda mais religiosos, diz com o poeta, que segundo o pensamento de Chateaubriand, empregara o so talento em fazer da impiedade uma especie de *bon tom*.

..... Et jamais nom visege

N'a de nom eou encor dimenti lo langage.

Qui peut se diguiser, pourrait trahir sa foi :

C'est un art de l'Europe, il n'est pas fait pour moi.

Eis o pensamento de um Redactor Ministerial, que começa por duvidar do estado deplorável da nossa moral publica, e de Religião, e acabou por accusar solemnemente os nossos Bispos, que correm para as sociedades profanas, e negão o pão espiritual as suas ovelhas, que se engolpiam nos negocios mundanos, abandonam as suas dioceses, e que negam com os bons exemplos até a boa doutrina. Bispos Brasileiros, vede como sois considerados! A vós pertence o repellir tão graves accusações. Quanto a nós, cumpre observar que não é o povo quem nomeia os Bispos, e que si elles todos são taes quas o Redactor os descreve, força é reconhecer, que ou elles representam a moralidade do Governo da nação, ou o Governo e a nação por elles se modelam, e em ambos os casos a irreligião e a immoralidade é geral, e de cima tira origem.

Em honra, porém, das nações civilisa-

das, que na moral Evangelica, e no gremio do Christianismo, se nutrem de inspirações, e de sciencias, e satisfazem a necessidade de crença, de enthusiasmo, e de futuro, cuja fonte havia seccado o sensualismo, e o egoismo da escola materialista do Seculo XVIII, que por nossa calamidade ainda nos governa, diremos que o Jornalista Ministerial se engana, si cuida que a humanidade é também um Jornalista Ministerial, que só vê o presente, que se illude, para melhor impôr sua crença do dia, que finge sympathias, que não experimenta, e exprime paixões, que lhe não são proprias. Crer que, sendo a humanidade religiosa, deixa de ser sincera, e que voltará pelo mesmo caminho ás epochas transactas de dolorosa recordação, é julgar que ella deve parar no estreito igualmente doloroso da duvida e da indiferença, ou retrogradar na sua marcha. Não; diz Mr. De Lamartine, o poeta philosopho do nosso seculo :

L'humanité n'est pas le bœuf à court haleine,
Qui creuse à pas égaux son sillon dans la plaine,
Et revient rominer sur son sillon pareil :
C'est l'aigle rageoni qui change son plumage,
Et qui monte affronter de nuage en nuage
De plus hauts rayons du soleil !

Voltaire, talvez tivesse razão em combater com as fleas envenenadas, com toda a força do seu espirito, e com todo o peso de sua impiedade o excesso do fanatismo e da hypocrisia, o que não exclue de nossa parte razão de combater o excesso contrario; por quanto, ambos os extremos são arriscados, e nós pouco temos que temer das primeiras, que nem por sombras nos amedrontam, e tudo perdemos com o langor lethargico, que nos secca o enthusiasmo, corrompe a moral, e todos os sentimentos da gloria. « Sem religião pode-se ter espirito, diz Mr. de Fontanes, mas é quasi impossivel o 1.º genio. » Nós, porém, nem o primeiro possuímos. Nosso espirito se encharca n'um circulo de lodo, só sentimos no coração palpar o egoismo; a voz da blasphemia, e o calculo do sordido interesse apenas nos annuncia, que vivemos: vivemos, sim, para o mundo da materia, e não para o mundo da intelligencia, cuja luz já pallida se vai extinguindo, quando ao longe seu clarão nos convida á tomar parte no grande movimento da regeneração. M.

NECROLOGIA DO DR. FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO.

Morrer na idade de 22 annos, quando este curto periodo foi um continuo sacrificio ás sciencias, uma infatigavel actividade do espirito! Morrer, com a intelligencia re-

querida de grandes ideias, com a consciencia pura, e o coração palpitante de gloria, de futuro, e de esperanças! Morrer quando se tinha amontado um grande capital para encetar o caminho da vida dos homens illustres! Eis o que se pode chamar uma verdadeira desgraça; fatalidade cruel, capaz de seccar o enthusiasmo nas almas de todos que lamentam a perda do Dr. Francisco Bernardino Ribeiro.

O Rio de Janeiro o viu nascer no dia 14 de Julho de 1815, e na noite de 15 de Junho o viu exhalar o seu ultimo suspiro. Sua vida foi a de um jovem dotado de grandes faculdades, que a tudo antepunha o estudo; e sua moralidade era tal, que nunca se ouviu de seus labios um nome de que a decencia se offendesse.

Nos seus estudos preparativos já seus condiscipulos participavam dos trabalhos de suas vigílias; *Mestrinho* lhe chamavam, e assim previam elles o seu destino. O *Mestrinho* foi Mestre, quando apenas contava 21 annos, e Mestre no Curso Juridico de S. Paulo.

Um *Ensaio sobre a tragedia* de sua penna, varias poesias, e artigos politicos correm impressos na Revista e Jornaes de S. Paulo. Além disto, deixou manuscritos, e tinha começado um trabalho sobre Direito Criminal.

Com o Dr. F. B. Ribeiro morreram para o Brasil grandes esperanças; esperanças! unico cabedal de que vivemos. Nós lamentamos a sua morte, nunca tivemos a ventura de o tratarmos como amigo, posto que de longe a sympathia nos unisse. M.

EXTERIOR.

ESTADO ORIENTAL.

Montevideo 14 de Junho.

Apesar de que os officios que abaixo transcrevemos, não tenham data, devem ser considerados como anteriores á suspensão de armas proposta entre as forças belligerantes da Provincia de S. Pedro do Sul.

Ilhm. Sr. Domingo Crescencio. — Como estou convencido de que V. S. se acha animado dos verdadeiros sentimentos que caracterisam um homem de honra, e por isso mesmo bom amigo de sua patria, dirijo-me a V. S. para com franqueza expôr-lhe os meus sentimentos.

Ninguém ha que desconheça o estado de infelicidade a que se acha reduzida esta Provincia, e os males que sobre ella tem acarretado a luta em que nos achamos, e que serão interminaveis, se os verdadeiros amigos da patria se fizerem surdos á voz da razão e da justiça. Persuade-se V. S. que o partido da lei não succumbio, nem succumbirá quando menos se espere, seus defensores, disseminados

pela campanha, apparecerão reunidos, e seos chefes, mais aptos que o traidor Bento Menoel, saberão dirigir melhor nossas operações, e o resultado não será duvidoso. Em as margens do Rio temos uma força de 500 homens de cavalleria, e mais de 800 perderão a vida antes de ceder, defendendo as trincheiras do Rio Grande. Nada temos que temer, ainda quando intentem, como se tem projectado, tirar-nos os recursos da barra: esta mesma artilheria talvez lhe seja tão funesta como o foi ao Coronel Bento Gonçalves. Mas, mesmo quando se effeitosse o projecto de separação, e de Republica, seria a Provincia mais feliz? Ninguém o dirá. Chefes ambiciosos, apoiados na força, se succederão de dia em dia; a virtude e o merito serão desatendidos pela estupidez, e depravação, como já acontece; e o Estado Oriental, que nos dá esses exemplos, e que occultamente os protege, seria o primeiro em querer dictar a lei, e um total aniquilamento viria acabar com a melhor Provincia. O unico passo que nos resta dar para sua salvação, é pôr termo á presente luta: aquelle que o fizer o primeiro será o verdadeiro patriota, e o amigo de seos concidadãos. A actual posição de V. S. lhe faz deparar esta gloria: unama-nos debaixo do mesmo titulo de Brasileiros: trabalhemos para fazer renascer a paz e a felicidade. Esses são meos desejos: na minha qualidade de estrangeiro, sou alheio á influencia dos partidos, e só desejo a prosperidade do Brasil, que adoptei por minha patria. Firme pois na opinião que, ha muito tempo, tenho de V. S., espero que não desprezará o convite que lhe faz este de V. S. attento venerador. — *João Pascoe Grenfell*. — Está conforme, Domingo Crescencio. — Está conforme, Lima, General em Chefe.

RESPOSTA AO OFFICIO SUPRA.

Ilm. e Exm. Sr. — Achando-me animado dos sentimentos que caracterisam o homem verdadeiro amigo de sua patria, e que só deseja a sua prosperidade, não tenho duvida alguma em acceder a qualquer proposição do V. Ex., toda vez que ella tenda á felicidade e engrandecimento d'esta Republica.

V. Ex. se acha convencido, segundo diz, de que o partido da lei não succumbio, nem succumbirá, por ter Chefes que saberão dirigir melhor as operações da campanha do que o General Bento Manoel, (quando allucinado por esse Governo era Chefe do Exercito do Brasil), e eu tambem estou convencido, de que o exercito a que tenho a honra de pertencer não succumbio, nem succumbirá, ainda que seos Chefes não se possam comparar com os do partido a que V. Ex. pertence. Quanto á força numerica que V. Ex. diz ter na margem d'esse rio, acho-a bastantemente crescida á vista da que tenho para operar; porém, alenta-me o pensar que esses pejeão porque são mandados, e estes por sua liberdade e propria convicção; e assim pesando na balança as qualidades que a estes adornão, acho que equilibrão o augmento numerico daquelles.

V. Ex. faz-me observações que não desconheço sobre a divergencia que deve haver n'esta Republica entre os Chefes, logo que se firme o seo Governo; mas como não é novo nas nações que,

como nós, procurão sua regeneração politica, não me desanima a ideia de semelhantes acontecimentos. Estou inteiramente alheio ao sonhado recurso da barra; e quando mesmo o exercito do Brasil tomasse pelas armas nossa artilheria, como aconteceu com o benemerito Bento Gonçalves da Silva, semelhante successo nada seria de admirar, porque a sorte das armas depende de acontecimentos diferentes: por isso que tambem aconteceu cabir em nosso poder quinze peças, que estavam defendidas por 600 homens ao mando do Coronel João Christostomo, que cobardemente as desamparou sem dar um só tiro, e entregou-se prisioneiro com o batalhão. O Coronel Bento Gonçalves somente cedeo depois do faltar-lhe as munições, e por uma capitulação tanto mais honrosa para elle, e os livres que o acompanhavão, quanto falta de fé para os que devião faz-la cumprir.

Diz-me V. Ex. que o unico meio que resta para salvar minha patria dos estragos da presente luta, é de unir nossas forças ás do Brasil, e que aquelle que der o primeiro passo será um verdadeiro patriota, e amigo de seos concidadãos. Certo d'isto, atrevo-me a convidar a V. Ex. para unir as forças de seo mando ás d'esta Republica; pois a posição actual em que se acha V. Ex., é muito propria a lhe poder caber esta gloria, adoptando, e ficando com o titulo de *Herde Republicano Rio-Grandense*; e assim trabalharemos juntos para fazer renascer a paz e a felicidade d'este Estado. Estes são os meos desejos, e os de todos os meos compatriotas.

Deos guarde a V. Ex., Acampamento em vista de Pelotas, Maio de 1837. — Ilm. e Exm. Sr. João Pascoe Grenfell, Commandante das forças navaes. — *Domingos Crescencio*, Coronel Commandante. — Está conforme. — Lima, General em Chefe.

Ilm. e Exm. Sr. — Partio hoje para Porto Alegre, com o General Grenfell, o Tenente Coronel Florentino de Souza Leite, para entregar ali ao Exm. Commandante em Chefe interino do Exercito a copia da suspensão de armas, hoje praticada. Este Tenente Coronel foi testemunha ocular de duas conferencias que tive com o Chefe da Esquadra Imperial, e por esta razão poderá informar verbalmente do occorrido, que é: — o Chefe de Esquadra se offerece para levar á Córte do Rio de Janeiro, e para apresentar á Assembléa Geral qualquer reclamação, que as autoridades da nossa patria queirão fazer, com o fim de ver se cessa o derramamento de sangue brasileiro. Em V. Ex., e demais autoridades do Estado, repousa a segurança do nosso estandarte, e a V. Ex. cumpre fazer conhecer ao Governo de D. Pedro II, as razões que justificão nossa separação. Vejo que Grenfell está inteiramente disposto para qualquer convenção, com tanto que sejamos federados ao Brasil, e diz que fará todo o possivel junto á Assembléa do Rio de Janeiro para minorar nossas queixas.

O Capitão João Gomes, portador d'esta, se offerece a ir com toda a promptidão a Porto Alegre para levar o parecer de V. Ex. ao Exm. Général Netto, para de commun accordo obrar bem. D'isto mesmo já está prevenido o mesmo Exm. Sr., para

demorar por tres ou quatro dias a conferencia com Grenfell, em quanto chega o parecer de V. Ex. Julgo muito acertado que V. Ex. appareça n'esta Cidade, tanto para proclamar ao povo, como para estabelecer as autoridades precisas.

Deos guarde a V. Ex. muito antos. Cidade de Pelotas, 20 de Maio de 1837. — *Domingo Crescencio de Carvalho*. — Coronel Commandante de Divisão. — Ilm. e Exm. Sr. Presidente do Estado, José Gomes de Vasconcellos Jerdim. — Está conforme. — Lima, General em Chefe. (Universal.)

Pede-se-nos a inserção do seguinte:

ANNUNCIO.

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA DE J. SAINT-AMANT, E L. A. BURGAIN, RUA DA ALFANDEGA N.º 131, PORTO DA VALLA.

Saint-Amant e Burgain abrirão no lugar acima, no dia 10 do corrente, uma typographia, onde se encumbirão da impressão de qualquer obra, em qualquer idioma; de facturas, noticias, cartazes, bilhetes de visita, cabeçarios de cartas; e finalmente de tudo quanto pertence á arte typographica, com aceio, promptidão, e por commodo preço.

As pessoas que quizerem publicar avulgos, correspondencias, ou outros quasquer escriptos, convido-lhes; ali acharão quem lhos rediga em bom portuguez; e será exactamente distribuido o numero de exemplares que se convencionar.

Na loja do mesmo estabelecimento, achar-se-hão, além de obras mais volumosas, as novellas mais interessantes publicadas nesta córte, folhinhas de todas as qualidades, listas de familias, passaportes, papeis de venda de escravos, pertences de escriptorio, musica para violão, rebecca, flauta e clarineta, e cornetas francezas, com a musica. Tambem ali se acharão á venda os periodicos *Jornal dos Debates*, *Chronista*, *Sete de Abril*, *Parlamentar*, *Mulher do Simplicio*, *Auxiliador*, *Revista medica*, e os mais que forem apparecendo.

Saint-Amant e Burgain esperam merecer do respeitavel publico desta córte aquella protecção que nunca nega aquelles que della se fazem credores.

Escriptorio de traducções das linguas ingleza, franceza, italiana, hespanhola, para a portugueza, ou desta para aquellas, dirigido por J. Saint-Amant, membro da Sociedade Real Academica de Paris, &c., &c., e L. A. Burgain, membro da Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro.

Saint-Amant e Burgain abrirão no dia 10 do corrente, rua da Alfandega n.º 131, um Escriptorio de traducções das linguas acima, assim como da redacção de memorias, correspondencias, &c., &c., e da correcção de manuscritos.

Rio de Jan. — Typ. de J. Villeneuve e Comp. — 1837.